

## **DIABETES MELLITUS: A VIVÊNCIA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM FRENTE À AMPUTAÇÃO**

JOÃO PAULO SANCHES BERMUDEZ<sup>1</sup>; Lívia Cafundó Almeida<sup>1</sup>; Annecy Tojeiro Giordani<sup>2</sup> Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Luiz Meneghel (UENP-CLM) – Atenção Básica e Hospitalar. [joapauloest@hotmail.com](mailto:joapauloest@hotmail.com)

### **RESUMO**

Nas Américas, o número de indivíduos com diabetes foi projetado para 64 milhões em 2025. Nos países desenvolvidos, o aumento ocorrerá principalmente nas faixas etárias mais avançadas; nos países em desenvolvimento, o aumento será observado em todas as faixas etárias. No Brasil, estima-se que já existem cinco milhões de habitantes com diabetes mellitus e metade dessa população desconhece o diagnóstico. No geral, o diabetes é assintomático nos estágios iniciais, o que retarda o diagnóstico durante anos. Essa patologia está associada a maiores taxas de hospitalizações, necessidades de cuidados médicos, incidência de doenças cardiovasculares e cerebrovasculares, cegueira, insuficiência renal e amputações não traumáticas de membros inferiores. Cerca de 50% a 75% das amputações de membros inferiores são efetuadas em pessoas com diabetes. Acredita-se que até 50% dessas amputações são passíveis de prevenção, desde que os pacientes sejam ensinados sobre medidas de cuidados preventivos com os pés e pratiquem esses cuidados preventivos de forma diária. É notável que pessoas portadoras de DM, que apresentam alteração nos pés, corram grandes riscos de evoluírem para amputação. É nesse contexto que está inserida a necessidade de um cuidado maior tanto dos pacientes como também dos profissionais envolvidos nesse processo. Este estudo teve como objetivo estabelecer uma reflexão sobre a humanização na assistência à saúde em pacientes diabéticos frente à amputação. Realizou-se um levantamento bibliográfico, o qual possibilitou conhecer a amputação sob o enfoque da produção de enfermagem sobre o assunto na atenção hospitalar. Os resultados da investigação permitiram

---

<sup>1</sup> Discentes do Curso de Enfermagem, Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Luiz Meneghel, Bandeirantes-PR. E-mail: joapauloest@hotmail.com.

<sup>2</sup> Enfermeira. Especialista em Administração Hospitalar e Enfermagem do Trabalho. Mestre e Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do Departamento de Saúde e Educação da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus Luiz Meneghel – Bandeirantes/PR. Docente do Curso de Enfermagem da Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA).

evidenciar que o processo de amputação envolve principalmente sentimentos de perda, dependência e isolamento social. É considerada uma situação difícil de ser encarada e que se faz necessária a contribuição de familiares e profissionais da saúde no apoio emocional do cliente. O enfermeiro tem se destacado no papel educativo das pessoas diabéticas e, cada vez mais, torna-se importante sua integração à equipe multidisciplinar, com vistas a contribuir para as estratégias educativas e na minimização de agravos à saúde. Percebe-se a necessidade da consulta de enfermagem, que é fundamental, pois desenvolve estratégias para mudança de comportamento e habilidades para o auto-cuidado. O alcance deste objetivo proporciona a qualidade de vida, já que, esta, apresenta-se reduzida em diabéticos com amputações maiores. No entanto, pessoas incapacitadas podem ter boa qualidade de vida quando ultrapassam limites e conseguem equilíbrio entre mente, corpo e espírito. Cuidar é olhar enxergando o outro; é ouvir escutando o outro; é observar percebendo o outro; é sentir empatizando com o outro.